

# O movimento pendular nas metrópoles

WALDIR SALVADOR

Superintendente do CSul Desenvolvimento Urbano

Congestionamentos, avenidas saturadas e intermináveis horas gastas diariamente no trânsito. Um dos principais fatores que agravam o problema da mobilidade das metrópoles brasileiras é o chamado movimento pendular, caracterizado pelo deslocamento casa-trabalho-estudo-casa, que realizamos todos os dias e que tem impactado negativamente a qualidade de vida das pessoas, exigindo ações mitigadoras urgentes e bem planejadas. Com o crescimento das cidades e a concentração da maior oferta de empregos e oportunidades em centros específicos, a população (principalmente as classes média e baixa) se vê obrigada a morar em regiões cada vez mais periféricas – cenário influenciado, também, pelo alto custo de vida dos bairros mais centrais – onde a oferta de trabalho não atende à grande demanda. A consequência disso é o percurso diário para os locais que têm a maioria dos serviços, o que tem reflexos notáveis no fluxo e na dinâmica das cidades, sobretudo no trânsito.

O movimento pendular se intensificou ao longo do tempo, devido ao processo de industrialização do Brasil, iniciado a partir dos anos 1950. Somado a isso, houve a consequente migração urbana e rural rumo aos centros que reuniam grande parte das atividades econômicas e sociais,

resultando no inchaço populacional de diversas localidades, fator que contribuiu para a conurbação, ou seja, a unificação de malhas urbanas de duas ou mais cidades.

No entanto, a concentração de comércios, empresas e instituições de ensino em poucos núcleos culminou na aglomeração de moradias em outros bairros essencialmente residenciais, onde não há o uso misto do espaço, o que mantém a dependência desses locais em relação aos serviços disponíveis nas regiões centrais. Apesar do anseio da população por empregos próximos às suas residências, esse vaivém constante e inevitável para a grande maioria torna o trânsito mais caótico e piora a qualidade de vida.

De acordo com o censo demográfico de 2014 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) já soma 5.767.414 de habitantes. Desse total, estima-se que 2 milhões circulam diariamente pelo Hipercentro da capital, área delimitada pela Avenida do Contorno, o que, em termos práticos, significa que cerca de 35% dos belo-horizontinos realizam todos (ou parte) dos seus afazeres na região central da cidade. A consequência de toda essa convergência – que não é um “privilegio” apenas dos mineiros – está no nosso dia a dia, com as horas desperdiçadas em um trânsito cada vez mais saturado. Para ser ter uma ideia, de acordo com o IBGE, 1 milhão de pessoas passam mais de duas horas no trânsito

para chegar ao trabalho em todo o Brasil.

Há várias possíveis soluções para esse panorama e todas elas confluem para um mesmo ponto: a descentralização. É preciso criar núcleos inteligentes de uso misto do solo para atenuar os efeitos do movimento pendular e para que a cidade se torne funcional, primeiramente, para o pedestre, que tem transformado o transporte motorizado em uma espécie de muleta, imprescindível para realizar simples atividades, como comprar um pão na padaria. Para se chegar a esse objetivo, é necessário investir efetivamente em infraestrutura e ampliar as oportunidades para a população em todos os sentidos.

A lógica que deve estar por trás da solução dessas deficiências na mobilidade urbana é: quanto menor a necessidade de circulação das pessoas, maior a quantidade de ruas e avenidas livres. Todavia, esse cenário só será possível a partir da integração de moradia, comércio, escolas e outros serviços em um mesmo local, formando diversas centralidades autossuficientes espalhadas ao longo das regiões metropolitanas, como ocorrerá, por exemplo, com a CSul, um dos maiores projetos urbanísticos do país que está sendo instalado no Vetor Sul da RMBH. Com isso, não somente o fluxo de automóveis será mais distribuído, como também a população poderá realizar atividades como ir ao supermercado, trabalhar, estudar ou se divertir a pé ou por meio do uso de meios de transportes mais sustentáveis. ■